

## ARTIGOS



### **Nan Goldin**

#### da Fotografia do Cotidiano à Visibilidade *Drag Queen*

Vivian Castro de MIRANDA, *Universidade Federal de Santa Maria*

---

Este trabalho tem como objetivo apresentar a biografia da fotógrafa americana Nan Goldin, a partir do recorte de sua produção datada entre as décadas de 1970 e 1990, em que ela fotografou a comunidade *drag queen*. A partir do cruzamento de informações vigentes em documentário (Série, 2004) e fontes relevantes (*Guggenheim Museum*, EUA; *The Guardian*, UK) a quem a fotógrafa concedeu entrevistas ou foi notícia, procura-se explorar nesse texto a importância de uma produção que se insere no âmbito de questões caras ao contexto contemporâneo, que é a temática de gênero. Com a perspectiva teórica adotada, baseada principalmente nos apontamentos de Barthes (1984), é possível compreender o *corpus* analisado como resultante de um olhar sensível para o aspecto humano, com impacto para a discussão e aceitação do grupo social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nan Goldin. Fotografia. Representação. Gênero. Visibilidade.

---



## Introdução

Nascida em Washington, Nan (Nancy) Goldin (1953) é uma fotógrafa contemporânea reconhecida no meio da produção visual por seu trabalho que evoca a questão de gênero, transitando entre as tendências documental e artística. Frequentou a *School of the Museum of Fine Arts*, em Boston. As temáticas com as quais trabalha variam desde o comportamento sexual, amor, vida privada, prostituição, vício em drogas, morte e violência.

Com intenção de retratar o cotidiano *drag queen*, grupo com quem Goldin conviveu desde os 15 anos de idade, desenvolveu uma série de fotografias que representaram o dia a dia daquele gênero que ela considerava parte de sua vida, pois mantinha forte relação de amizade – aliás, os personagens de suas fotos são aqueles que vivem ao seu redor e que passaram a ocupar o lugar de sua família, a quem ela rejeita o termo *outsiders*. Essa fase da produção é o recorte enfocado para construir a breve biografia que apresentamos. A opção por assim fazer diz respeito ao interesse que Goldin sempre demonstrou frente às questões de identificação de gênero, pois a artista se declara abertamente bissexual, tema que também faz parte das suas fotos.

A partir dos relatos da própria fotógrafa, a intenção é demonstrar o papel que essa produção teve em trazer para a cena a problemática de gênero, e discutir, no seu centro, o elemento humano. Tal abordagem escolhida por Goldin colabora para sensibilizar o olhar, tão marcado que é pelas várias significações sociais que ao longo do tempo foram recobrando de preconceito a visão sobre a sexualidade não normativa.

Fotografar, no caso de Goldin que adentra a cena artística em meados dos anos 1980<sup>1</sup> é também a possibilidade de lidar com as próprias questões, a partir de um ponto de vista do que ela chamava de “completa honestidade”, não sendo a fotografia sobre a técnica, e sim pelo conteúdo e sua intimidade, algo que ela vem afirmando até hoje em suas entrevistas.

---

1 Com *The Ballad of Sexual Dependency*, 1986. Seu trabalho mais recente refere-se a temáticas bem distintas das anteriores, como a infância. A ligação continua sendo a atmosfera intimista que envolve o representado. Nesse sentido é que Goldin se preocupa com as representações resultantes da sua fotografia, na medida em que a sociedade vê e interpreta por uma série de mediações que muitas vezes inviabilizam seu trabalho, como o que aconteceu com uma fotografia de criança nua, proibida em uma exposição: “The notional paedophile now dictates what we can look at”, diz Libby Brooks, comentarista (*The Guardian*, 2007).



## Fotografar O Cotidiano, Representar O Humano

A série francesa “Revelando” (2004), disponibilizada pelo Canal Brasileiro de TV Arte 1 (2015), tem como proposta apresentar relatos em primeira pessoa de artistas que trabalham com a linguagem fotográfica. Além desse aspecto, que foi crucial para aceitarmos a inclusão desses dados no corrente texto, destaca-se o fato de que estas falas contemplam comentários sobre a produção e os bastidores sobre ela. Nesse sentido, optamos por introduzir um dado que contribui para a compreensão de sua obra, senão na totalidade, pelo menos em parte, que é sua forte ligação com o cotidiano, daí seu interesse em retratá-lo.

Segundo Goldin (2004), seu interesse particular em retratar a realidade fez com que ela carregasse sua máquina fotográfica para todos os lugares. Geralmente retratava aspectos da sua vida cotidiana e de seus amigos, e segundo ela, a fotografia tinha também o objetivo de cumprir com a função de memória. Ocorre que episódios trágicos marcaram sua vida para sempre<sup>2</sup>, como foi o caso do suicídio da jovem irmã, de quem ela lembra com dificuldade, fazendo desse fato causa para uma espécie de obsessão em eternizar pessoas, papel que a fotografia a ajudou a desempenhar<sup>3</sup>.

Conviveu com *drag queens* desde os 15 anos em uma escola livre na Inglaterra, e logo depois de finalizar os estudos, foi viver com elas em Boston. Goldin acompanhava a vida noturna das amigas e as fotografava, afirmando ser um trabalho de homenagem às mais belas pessoas que já tinha conhecido. Iniciada nos anos 1970, essa fase a incentivou a continuar produzindo, passando pelos anos 1980 em que muitos de seus amigos estavam perdendo a vida para a AIDS, até chegar aos anos 1990 e inserir cor às suas fotos, imagens que podemos observar a seguir.

---

2 Tinha intenção de realizar um projeto que abordasse a vida e morte da irmã, mas acabou por não finalizá-lo.

3 “I started taking pictures after my sister’s suicide. I’ve lost her and I’ve become obsessed by the idea of not forgetting anyone anymore”. Em tradução livre: “Comecei a tirar fotos depois do suicídio da minha irmã. Eu a perdi e fiquei obcecada com a idéia de não esquecer mais ninguém”. Fonte: Konbini. *Source of pop culture* (2015). Disponível em: <<http://www.konbini.com/us/inspiration/sex-hiv-death-nan-goldin-shot-life-without-filters/>>. Acesso em: 10 Jul 2016.



Figura 01 – *Jimmy Paulette in the bathroom* (1991, NYC), de Nan Goldin. Fotografia<sup>4</sup>.



Figura 02 – Por aproximação, acredita-se ser o retrato de *Gilles* (Paris, 1993), de Nan Goldin. Fotografia<sup>5</sup>.



4 Disponível em: <<http://www.konbini.com/us/inspiration/sex-hiv-death-nan-goldin-shot-life-without-filters/>>. Acesso em: 10 Jul 2016.

5 Idem.



Fotografias que representam o cotidiano e o lado humano dessas pessoas, com especial atenção ao aspecto sensível envolvido nos retratos. Se olhadas com cuidado, essas imagens, ainda que remetam ao gênero ou à doença como temáticas, levam a considerar o caráter humano e emotivo que o(a)s protagonista(s) assumem na cena. É a representação de um comportamento amoroso, cuidadoso (mesmo com um pano de fundo dramático<sup>6</sup>), levantando a questão de quão frágeis todos podemos ser. A escolha por homenagear o grupo se expressa no modo como Goldin eleva a um outro nível a fotografia de retrato, revelando o que há por trás dessas figuras que, ao olhar contaminado pelas inculcações sociais, podem parecer estranhas, emblemáticas, fora do padrão.

É um exercício que exige do olhar um ver além. Para ultrapassar o limite do que está representado na imagem fotográfica é preciso buscar em cada observador aquilo que lhe toca, ou como propõe Barthes (1984), que se busque ao observar o traço fundamental de cada foto. É ver com sensibilidade, na contramão do que o registro fotográfico oferece, por isso a importância de discutir a visão subjetiva de quem “lê” a imagem. Do contrário, como seria possível atingir o ponto de vista da fotógrafa? Pois parece que justamente por se afiliar a esse tipo de pensamento que a fotógrafa conseguiu “representar” o que ela via naquelas que, para ela, eram estimadas pessoas, a quem, apelando à subjetividade de quem vê, retira da marginalidade.

A proposta de Barthes (1984) sobre a fotografia é que ela, enquanto artefato, não é o que vemos (apontando com o dedo “essa”, ou “aquela”) – é invisível. Mas o que “devemos” ver também não é somente o referente, a quem ela está fatalmente ligada. O semiólogo que uma década antes de *A câmara clara* tentava explicar o funcionamento das linguagens, agora desconfia de tudo o que está nos manuais, e ajuda-nos a dar um passo à frente: “Eu constatava com desagrado que nenhum (manual) me falava com justeza das fotos que me interessam, as que me dão prazer ou emoção” (Barthes, 1984, p. 17).

O interesse em fotografar os relacionamentos das pessoas, sua sexualidade e sua identificação de gênero, nas palavras da própria fotógrafa, atravessam boa parte de suas temáticas, contudo, ela defende

---

6 A estética fotográfica de Goldin lida com uma atmosfera dramática, seja pelo processo de assumir ou se desvestir de uma imagem performática que é retratado em muitas fotos, os ambientes noturnos (que revelam que à época, não podiam sair à luz do dia, então tinham uma vida noturna, que levava a frequentar bares e casas noturnas), a ausência de cor (P&B) nos primeiros trabalhos, os ambientes internos.



seu trabalho por outro denominador, que é o do ser humano. Goldin não exclui ou contraria a evocação do real pela fotografia, mas trabalha no seu processo de revelação. Ela talvez tenha captado, por meio do processo performático de uma *drag queen*, sua verdadeira essência. Barthes, com relação aos momentos em que foi fotografado, escreveu: “Eu queria, em suma, que minha imagem, móbil, sacudida entre mil fotos variáveis, ao sabor das situações, das idades, coincidissem sempre com meu ‘eu’ (profundo, como é sabido)”; [...] (Barthes, 1984, p. 24).

Nesse contexto, representar, em Goldin, estaria muito mais relacionado a uma referência singular – o referente que transcende na imagem. Assim, caberia citar a noção discutida por Dubois (2006), da fotografia como traço de um real. Com as novas bases para abordar a não conformidade absoluta com a ideia de referência, o que vale como representação passa a ser questionado no seu *status* simplista de mimese. Para essas conclusões, o autor vai reivindicar a categoria “índice” de Peirce como ideal para discutir a fotografia como traço, signo de uma presença<sup>7</sup>.

## Representar O Humano, Visibilizar O Gênero

Ao pesquisar sobre Goldin, encontramos alguns títulos de textos que sustentam o olhar que a fotógrafa tinha sobre o seu fazer, como *Nan Goldin Shot Life Without Filters*<sup>8</sup>. É nesse contexto em que são apresentadas as imagens com as quais ela afirmava homenagear a comunidade *travesti*, conforme é possível observar a seguir.

---

7 Comentário que ilustra o avanço das pesquisas sobre fotografia, não sendo aspecto enfocado nesse texto. Barthes, para quem acompanha os estudos semiológicos, seguia uma outra tradição de estudos, que tem em Saussure suas bases conceituais, e mesmo no caso de *A câmara clara* (1984), o crítico rejeita ser influenciado por quaisquer métodos.

8 Em tradução livre: “Nan Goldin capta a vida sem filtros”. Disponível em: <<http://www.konbini.com/us/inspiration/sex-hiv-death-nan-goldin-shot-life-without-filters/>>. Acesso em: 10 Jul 2016.



Figura 03 – *Misty and Jimmy Paulette in a Taxi* (1991), de Nan Goldin. Fotografia<sup>9</sup>.



Figura 04 – *Ivy wearing a fall* (1973), de Nan Goldin. Fotografia. Guggenheim Museum, NYC<sup>10</sup>.



9 Disponível em: <<http://www.konbini.com/us/inspiration/sex-hiv-death-nan-goldin-shot-life-without-filters/>>. Acesso em: 10 Jul 2016.

10 Disponível em: <<https://www.guggenheim.org/artwork/11453>>. Acesso em: 10 Jul 2016.



Chama a atenção que o real representado por Goldin não esconde os bastidores do cotidiano (é a vida sem filtros), que leva a trabalhar sob a ótica da corporalidade dos retratados, e sua caracterização. No entanto, dificilmente os inscreve em situações degradantes ou humilhantes – a vulgaridade ou qualquer outro significado pejorativo não está construído na imagem. Fotografias que poderiam ser protagonizadas por qualquer um – uma foto posada no quarto, ou a dupla em um táxi, deixando ver o cenário urbano ao fundo. Mas é o olhar que nos toca profundamente, é a sensação de fragilidade daquelas pessoas, ou a imponência da pose. É o *punctum*<sup>11</sup> proposto por Barthes (1984), atuando com toda a sua força.

Se acompanharmos outras fases da carreira, a fotógrafa parece ter tido um cuidado especial com essas imagens, tanto que as fotos que trabalham a questão do vício em drogas geralmente trazem a própria artista como protagonista, e outros participantes<sup>12</sup>. Se sua intenção não foi fotografar pelo filtro da bandeira do gênero, a sensibilização gerada a partir dessa produção é sem dúvida relevante, com impacto para a aceitação do grupo social.

A arte também pode atuar na cena ao levar o público a problematizar questões no âmbito do seu discurso, trazendo contorno político para essas manifestações. Nas palavras da fotógrafa: “Nowadays, people forget how radical my work was when it first appeared. Nobody else was doing what I did”<sup>13</sup>. Não se pode negar a visibilidade que se projeta para causas como essa, a das minorias. O estar-visível, que o mundo midiático leva às últimas consequências como condição necessária para existir, ainda que tenha no espaço da arte um outro lugar, não deixa de ali encontrar meio para afirmação. Nesse sentido, a

---

11 Barthes (1984) usa uma série de terminologias para explicar seu ponto de vista sobre a fotografia, dentre os quais se encontram *studium* e *punctum*, o primeiro ao se referir a uma metodologia de análise para a imagem, e o segundo, pelo contrário, exclui qualquer possibilidade de exercer sobre ela um olhar crítico, sendo a própria imagem com capacidade de operar no observador (*spectator*) algo tocante, independente do que o olhar busca – é como se ela tivesse uma autonomia em provocar o “afeto”.

12 Com essa série, Goldin foi apontada com o trabalho mais lembrado da coleção *online* em 2013. Disponível em: <<https://www.guggenheim.org/blogs/checklist/ten-popular-works-art-2013-collection-online>>. Acesso em: 10 Jul 2016.

13 Em tradução livre: “Hoje em dia, as pessoas esquecem como meu trabalho foi radical quando ele apareceu pela primeira vez. Ninguém mais estava fazendo o que eu fiz”. Goldin, em entrevista para o The Guardian. O'Hagan, Sean. *Nan Goldin: 'I wanted to get high from a really early age'*. UK, 2014.



imagem ocupa na sociedade atual um dos lugares de destaque, pela intensificação do olhar, como diz Klein (2007), ao ponto de se falar em uma cultura da imagem.

Se uma imagem tem seu papel de destaque na mediação social, quanto mais se fizer visível, mais um grupo nela representado se afirma identitariamente, e no caso de Goldin, poderíamos dizer que a fotografia permite um “fazer representar”, ainda que tratemos essas imagens pela sua superfície. Não encontramos no levantamento visual sobre a comunidade *drag queen* de Goldin imagens com teor erótico ou apelativo, ainda que a sexualidade seja algo latente em muitas outras de suas séries, com temática sexual – este não parece ser o caso. Conforme Brooks (2007), as imagens artísticas expostas em museus também ocupam um papel na opinião pública, sobretudo quando se trata de representações humanas e de sua corporalidade, sendo possível que uma mostra seja afetada por isso e tenha peças retiradas de exposição, mesmo dada a importância de uma imagem artística.

O impacto dessa abordagem produz um efeito positivo, frente a uma cultura excludente como a que ainda vivemos. A comunidade *drag queen* para a fotógrafa é representada além dos limites e rótulos sociais pelo qual é conhecida, por isso o resultado é outro. A caracterização do personagem existe, a carga de uma imagem construída (poderíamos dizer “performance”<sup>14</sup>), mas não parece haver nessas imagens artifícios para encobrir o aspecto humano ali presente, ainda que Goldin afirmasse ser interessada no comportamento externo das pessoas.

---

14 Butler (2003) discutiu a noção de performance entre as ideias de sexo e gênero, criando uma estrutura ternária que “desmonta” antigas associações, como sexo e gênero, por exemplo, que pareciam naturalmente ligadas pelo aspecto biológico. A *drag queen*, como expressão de um gênero, seria, se tomarmos estas proposições, não uma identidade de gênero estável, mas não porque se vale de mecanismos de camadas e máscaras para a construção de si. Não o é, assim como nenhuma outra identidade também não é (heterossexual, homossexual, etc). Haveria, portanto, uma performance envolvida em toda a expressão de gênero, e isso não quer dizer o falso, quer sim afirmar que isso a constitui *a priori*. A identidade é compreendida como performativamente constituída, por atos que precisam ser repetidos continuamente: movimentos do corpo, gestos, roupas, modos de ser, enfim, o que desnaturaliza a própria ideia de corpo, que Butler (2003) acredita ser tão culturalmente construída quanto o gênero. “O fato de a realidade do gênero ser criada mediante *performances* sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter *performativo* do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória” (Butler, 2003, p. 201).



De qualquer modo, se o que vemos nessas fotografias é resultante de um gesto (e de um possível querer “parecer”), o que fica eternizado é seu efeito de verdade, o que nos afeta, como pensava Barthes (1984) – o *punctum* é mais uma reação que uma leitura. É desse ponto de vista que entendemos essa série fotográfica, em que a “completa honestidade” com que Goldin compactua nos leva a ver pelas lentes dela a verdade que se propôs a mostrar.

## Considerações Finais

A questão de gênero possivelmente não foi o único filtro pelo qual Goldin realizava seu trabalho, e tornou-se um símbolo e também meio de dar voz aos que se encontram na margem. Trata-se de refletir sobretudo a respeito do aspecto humano, a habilidade de sobreviver às dificuldades vivendo em uma sociedade tão excludente das diferenças.

Uma das conclusões possíveis de inferir, a partir da observação do que está representado nas imagens, é seu papel fundamental, na medida em que Goldin atuou frente à aceitação de um terceiro gênero, no seu trabalho com *drag queens*. Ao transitar entre a fotografia documental e a arte, um tom político pode ser percebido nessa fase como produção de sentido, pois dá voz e problematiza a questão da sexualidade, corporalidade e gênero, numa época em que pouco ou de modo incipiente se discutia sobre isso, incluindo o tabu da Aids e das drogas. Goldin parece mostrar a alma dessas pessoas, com especial atenção para a transformação de si e a coragem de manifestá-lo.

## Referências

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. São Paulo: Papyrus, 2006.

GOLDIN, Nan. **Revelando: Nan Goldin** (2004). Série de TV: ARTE 1, 2015.



GUGGENHEIM MUSEUM. **Artworks by Nan Goldin in the Collection Online**, 2016. Disponível em: <<https://www.guggenheim.org/artwork/artist/nan-goldin>>. Acesso em: 10 Jul 2016.

\_\_\_\_\_. **The Ten Most Popular Works of Art for 2013 in the Collection Online**. Disponível em: <<https://www.guggenheim.org/blogs/checklist/ten-popular-works-art-2013-collection-online>>. Acesso em: 10 Jul 2016.

KLEIN, Alberto. Cultura da visibilidade: entre a profundidade das imagens e a superfície dos corpos. In: **Imagem, visibilidade e cultura midiática**. Livro da XV Compós. Porto Alegre: Sulina, 2007.

Konbini. **Source of pop culture** (2015). Disponível em: <<http://www.konbini.com/us/inspiration/sex-hiv-death-nan-goldin-shot-life-without-filters/>>. Acesso em: 10 Jul 2016.

THE GUARDIAN. Brooks, Libby. **The notional paedophile now dictates what we can look at**. UK, 2007. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2007/oct/04/comment.comment1>>. Acesso em: 10 Jul 2016.

\_\_\_\_\_. O'Hagan, Sean. **Nan Goldin: 'I wanted to get high from a really early age'**. UK, 2014. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/artanddesign/2014/mar/23/nan-goldin-photographer-wanted-get-high-early-age>>. Acesso em: 10 Jul 2016.



## Nan Goldin: From the Daily Photography to Drag Queen Visibility

**ABSTRACT:** This work aims to present the biography of the american photographer Nan Goldin, from the cut of her production dated between the decades of 1970 and 1990, in which she photographed the drag queen community. From the cross-reference of information current inside documentary (Series, 2004) and relevant sources (Guggenheim Museum, USA; The Guardian, UK) to which the photographer gave interviews or was news, it is sought to explore in this text the importance of a production that falls within the scope of issues that are in the contemporary context, which is the theme of gender. With the theoretical perspective adopted, based mainly on the notes of Barthes (1984), it is possible to understand the analyzed *corpus* as result of the sensitive look regarding the human aspect, with impact for the discussion and acceptance of the social group.

**KEYWORDS:** Nan Goldin. Photography. Representation. Gender. Visibility.

***Vivian Castro de MIRANDA***

*Bacharel em Desenho Industrial, Especialista em Arte e Visualidade,  
Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).  
Estuda as manifestações visuais em diferentes perspectivas, incluindo o diálogo  
com o verbal. E-mail: vicacastro@gmail.com*